

Marion Aubrée*

Resumo: Esse texto expõe, nas suas várias etapas, a dinâmica das diversas expressões de religiosidade, observadas pela autora desde 1988 em vários assentamentos do Estado de São Paulo. A análise é feita em três níveis : *individual/familiar*, por meio das entrevistas interpessoais que permitiram coletar os projetos de vida e as crenças religiosas diversas nas quais esses se inscrevem; *comunitário*, mediante a observação das atividades e iniciativas coletivas geradas por alguns assentados; *socio-cultural*, com base na participação em celebrações e rituais ecumênicos entre várias religiões. Esse percurso no tempo põe em evidência o entrelaçamento incessante de parte dos assentados entre os campos religioso e político. De outro lado, observa-se nesse universo que pode já ser qualificado de “rurbano” – numa sociedade supostamente cada vez mais individualista e fragmentada – a forte vontade de uma maioria dos integrantes para renovar ou reconstruir os laços comunitários e para promover a tolerância religiosa, bastante abalada ao longo dos vinte últimos anos nos meios urbanos.

Palavras-chave: Religiosidade. Assentamentos. Três níveis de expressão religiosa.

Abstract: This text shows, in its many stages, the dynamic of the several expressions of religiosity, observed by the author since 1988 in various settlements of the state of São paulo. The analysis was made out in three levels: individual/familiar, through interpersonal interviews that allowed to collect life projects and the several religious believes on which these projects are grounded; communitarian, based on observation of collective activities and initiatives generated by some settled groups, and socio-cultural, with the participation in ecumenical celebrations and rituals of several religions. This journey through years makes evident the settled groups’ incessant interweaving among the religious and political camps. On the other hand, one can observe in this universe that can already be qualified by “rurban” – in a society presumed more and more individualistic and broken up – the strong wish from the majority of the members of the group to renew or reconstruct communitarian ties and to promote religious tolerance, quite affected through the last twenty years in urban milieus.

Keywords: Religiosity. Settlements. Three levels of religious expressions.

OS ASSENTAMENTOS OBJETOS DA PESQUISA.

Os assentamentos pesquisados diretamente são, especificamente, os núcleos (I e IV) de Reforma Agrária da Fazenda Monte Alegre, no atual

* Antropóloga, pesquisadora no Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain (CRBC) e no Centre d'Etudes Interdisciplinaires des Faits Religieux (CEIFR) da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris).

município de Motuca, distrito de Araraquara, o núcleo Copajota, formado pelo grupo proveniente do município de Campinas no assentamento Fazenda Reunidas de Promissão e os assentamentos Sumaré I e II, município de Sumaré .

O primeiro fato a ser notado é que se está, nesses três lugares, frente a uma grande disparidade de condições concretas quanto à riqueza do solo loteado, à proximidade das zonas urbanas e, conseqüentemente, à possibilidade de comercialização direta ou indireta (intermediários) dos produtos oriundos do trabalho da terra. Porém, constata-se que, nos três lugares, a vontade de conseguir um pedaço de terra e a luta política que se travou para isso foram, num primeiro momento, incentivadas pelas organizações de base da Igreja Católica ligadas à Teologia da Libertação, ou seja, as Comunidades Eclesiais de base (CEBS) e a Comissão Pastoral da Terra. De fato, tanto em Promissão quanto em Sumaré, grande parte dos líderes sindicalistas de origem católica que organizaram as invasões e os acampamentos aprenderam a ler¹ e/ou foram formados nos valores cristãos difundidos então pelo movimento de resgate da “doutrina social da Igreja” promovido pelo Concílio Vaticano II. No caso de Promissão a relação foi ainda mais direta, já que o grupo Copajota com o qual teve mais contatos se formou ao redor da figura do Padre Josimo, assassinado em 1º de maio de 1986 por latifundiários do Araguaia (Pará) em razão de suas ideias progressistas em matéria de justiça social e de seu envolvimento nas lutas dos camponeses do Bico do Papagaio. O caso desses assentamentos não foi isolado já que na mesma época, como o mostraram M.C. d’Incao e Gérard Roy (1995), fieis e membros da Igreja Católica tinham sido um dos sustentos maiores do movimento rural que resultou no assentamento de trinta e nove famílias em Porto Feliz.

1º ETAPA: ATRIBUIÇÃO SEPARADA DOS CAMPOS RELIGIOSO E POLÍTICO

Após quinze anos de trabalho antropológico no meio urbano brasileiro, meus primeiros contactos com o meio rural foram feitos com base na inclusão num convênio entre o CRBC da EHESS-Paris e o CEPAM/CERU-São Paulo para estudar o aspecto socio-religioso nos primeiros núcleos da recente reforma agrária, promovida pelo então-governador Montoro, e ganhos pela luta sindical num terreno, administrado pela Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização (CAIC) e plantado de eucaliptos que, como se sabe, empobrecem rapidamente os solos nos quais crescem. Ali no Horto

¹ As décadas 1970 e 80 foram o momento de divulgação maior, entre as classes mais pobres, do método de alfabetização elaborado por Paulo Freire e difundido, por jovens e adultos católicos, nas favelas.

Silvânia – parte loteada da Fazenda Monte Alegre – foram implantados os quatro primeiros núcleos de RA, integrados em sua maioria por famílias de bóias-frias provenientes de outros estados e cujos chefes de família (tanto mulheres quanto homens) tinham trabalhado sazonalmente por anos nessa região, seja cortando cana, seja colhendo laranjas. O primeiro trabalho de campo feito no Núcleo I permitiu observar que, se bem que a grande maioria das pessoas fosse católica, poucas eram praticantes, tendo em vista o isolamento do local, pois, onde para assistir à missa na igreja mais próxima (Matão) seria necessário que andar uns seis quilômetros.

Apesar disso, a Igreja esteve presente na etapa de instalação, pela ajuda alimentícia que forneceu – junto com algumas obras sociais espíritas – às famílias pioneiras antes que essas pudessem plantar o que lhes permitiria sobreviver. Isso foi comentado por vários entrevistados, assim como a ajuda moral e os valores sociais que lhes foram transmitidos pelos integrantes das CEBs. Na época em que cheguei (três anos após a primeira instalação) essa fase não existia mais e o único contato com a instituição se fazia por meio das visitas de um pároco vizinho que passava, de tempos em tempos, para batizar crianças e conversar um pouco com os fieis (particularmente com as mulheres). Fora essa dimensão institucional havia um elemento de catolicismo popular que apareceu imediatamente e servia, para o observador, como divisor de águas relativo à primeira origem geográfica dos assentados. Eram as devoções particulares de cada família representada por uma imagem santa, situada num lugar de destaque na sala. De um lado, o padre Cícero Romão para as famílias de origem nordestina; do outro, Nossa Senhora de Aparecida do Norte para as famílias oriundas do mesmo Estado, do Paraná ou do Mato Grosso do Sul. Essa preeminência não excluía, do lado nordestino, uma devoção secundária à padroeira nacional, a qual aparecia sobretudo nas conversas com as mulheres sobre os recursos espirituais que elas utilizavam quando tinham um pedido a fazer, em particular no que tocava à saúde dos filhos e, também, no desejo expresso de fazer, algum dia, uma romaria ao santuário da Virgem nacional.

Todos expressavam certa saudade das festas do seu vilarejo, quando toda a comunidade se reunia para celebrar o Divino Espírito Santo, o Corpus Christi ou o São João, lá também com preferências ligadas às festas mais celebradas na sua região de origem. Aliás, na segunda estada no Núcleo I, foi presenciada a passagem de um grupo de Folia de Reis, o qual foi de casa em casa, cantando e pedindo prendas segundo o costume antigo, para prazer dos adultos e surpresa feliz dos meninos que nunca tinham vivido esse tipo de divertimento. Essa ocorrência imprevista desencadeou, da parte dos adultos, muitos relatos sobre os festejos anteriores à peregrinação migratória, geralmente muito longa e sofrida, que os tinha trazido até o assentamento, nesse lugar perdido, mas cheio de esperanças. Nessa oportunidade houve de parte de várias famílias uma forte expressão da vontade de reconstituir laços soci-

ais com base nas festas, religiosas, o que as condições socioeconômicas não permitiram ainda durante vários anos.

Nesse universo devocional maciçamente “católico de raiz”, os contatos interpessoais e as entrevistas individuais (mulheres) deixaram aflorar outras crenças que formam, no Brasil todo, o substrato do que George Devereux chama de “fundo imaginário da personalidade básica” (1975) cuja marca específica no Brasil teve, durante muito tempo, a ver com a capacidade “antropofágica” (Oswald de Andrade) e sincrética oriunda da formação histórica múltipla que deu origem à cultura brasileira. Assim, mulheres profundamente ligadas ao universo simbólico católico contaram suas inspirações ou visões relativas à saúde ou a problemas de membros de sua família ou de vizinhos, trazidas por espíritos externos à raiz católica, mas ligados às tradições afro-brasileiras ou kardecistas. Geralmente, elas tinham tido contato esporádico com esses universos distintos durante uma ou outra das passagens da família pelo meio urbano em busca de uma vida melhor. Também porque essas tradições estão enraizadas no fundo cultural partilhado pelos Brasileiros, qualquer que seja sua origem social ou étnica. Também existia no assentamento uma pessoa, esposa de um dos líderes do núcleo, que praticava secretamente (e unicamente para as mulheres que o pediam) rituais de umbanda, sempre para resolver problemas afetivos de uma ou outra vizinha.

Paralelamente, no final dos anos 80, um grupo de evangélicos pentecostais começou a visitar o assentamento, pregando de casa em casa. Os assentados os recebiam, como é de tradição no meio rural, mas vários faziam questão de afirmar diante deles a sua fé católica. Porém, houve duas conversões em duas famílias diferentes, uma mulher que tinha sido abandonada pelo marido e encontrou nesse grupo religioso uma ajuda moral e material, e outra de um homem que uma série de dificuldades econômicas fizeram renunciar finalmente ao seu lote.

Em 1992 chegaram algumas famílias novas, seja porque uns poucos lotes tinham sido abandonados e redistribuídos, seja porque tinham sido vendidos (apesar da proibição feita pelo INCRA e da não entrega até então dos títulos de posse). Entre essas pessoas instalou-se uma família crente que, logo de sua instalação, construiu no fundo do quintal uma capelinha ou “salão de oração” enfeitada por uma bandeira vermelha com pomba branca, símbolo específico da Igreja Universal do Reino de Deus, denominação neopentecostal de origem brasileira. Começaram então as sessões de oração e de “libertação” que aguçaram a curiosidade dos outros assentados e resultaram em algumas conversões, particularmente entre os jovens, em razão da novidade dos rituais exaltados e teatrais da IURD (CAMPOS, 1995).

A situação do Núcleo IV era mais ou menos igual relativamente ao fundo católico, com a diferença de, que entre as famílias pioneiras, duas eram pentecostais da Congregação Cristã do Brasil e montaram rapidamente uma capelinha e outra era da Igreja Batista e fez seu caminho em forma mais

individual, inovando na produção e na comercialização de queijos e marmeladas.

Conjuntamente com esse “campo religioso” que, como se viu, era dominado pelas mulheres, o “campo político” era investido pelos homens, os quais tinham participado da luta fomentada pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais para conseguir aquele pedaço de terra². Essa divisão do trabalho não quer dizer que os homens não tinham fé religiosa nem que as mulheres se desinteressavam do político, significa apenas que a parte mais subjetiva da vida das famílias (relações com o invisível e o espiritual) ficava então mais a cargo das mulheres, enquanto que a dimensão objetiva e concreta das conquistas sociais estava nas mãos dos homens. As mulheres participavam das concentrações feitas pelo Sindicato nas prefeituras ou na Secretaria de Agricultura enquanto “exército de reserva” para conseguir melhoria das precárias condições de vida. Nesse quadro quase não se falava do MST cuja criação no Paraná era ainda recente. De fato, o pivô das lutas e as referências políticas para conquista de um poder municipal se encontravam no Sindicato. Ou seja, o universo político dos assentados estava construído com base em dois pólos bem separados: de um lado, o pólo local, pelo qual as pessoas se mobilizavam diretamente para conseguir alguns avanços susceptíveis de amenizar os problemas imediatos com os quais se deparavam; de outro, o pólo nacional, em que a figura de Lula se configurava como o novo líder capaz de “salvar o povo da miséria” num futuro ainda indeterminado sobre o qual se levantava a esperança³.

A última visita da pesquisadora ao Horto Silvânia foi feita em 1996. Naquele momento a situação tinha melhorado um pouco para certas famílias. A agrovila estava começando, pelas alianças matrimoniais e pela promoção de atos comunitários festivos, a viver como uma real comunidade de vida, com suas solidariedades e afinidades, com seus antagonismos e conflitos inerentes a todo agrupamento humano. Como em toda parte do país, as denominações evangélicas tinham ganho novos adeptos, mas as expressões de devoção católica continuavam majoritárias. Várias pessoas haviam realizado seu sonho de romaria ao santuário de Aparecida do Norte e as lutas políticas, ligadas à conquista do poder municipal local, eram incentivadas pelas iniciativas concretas do Movimento dos Sem-terra, o qual parecia cada vez mais próximo das preocupações de quem tinha sido pioneiro na luta pela

² Sobre a história das lutas pela terra nesse assentamento podem-se ver os trabalhos de M. E. Chonchol (1995, 2003) assim como o artigo “De sitiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais”, por M.H. Antuniassi, M. Aubrée e M.E. Chonchol, São Paulo em PERSPECTIVA, n° 7(3), p. 125-132, jul/set 1993.

³ Luiz Inácio da Silva, apelidado Lula, iria ser eleito presidente da República, num grande impulso de democracia popular, em novembro de 2002.

reforma agrária e promovia então associações de formação tanto política quanto escolar para os trabalhadores assentados e seus familiares⁴.

2º ETAPA: REUNIÃO DOS CAMPOS RELIGIOSO E POLÍTICO

No ano de 1998 surgiu a oportunidade me foi dada, por meio de um convênio entre a FEAGRI e o CRBC, de começar, de um lado, a trabalhar nos assentamentos de Sumaré e, de outro, de visitar os assentamentos de Fazendas Reunidas em Promissão, onde havia ainda famílias acampadas na beira da BR 153⁵.

Promissão: Nesses acampamentos onde sobreviviam famílias vindas de horizontes diferentes encontrou-se um “campo religioso” múltiplo em que, apesar da implicação política forte de diversos órgãos, dependendo ou promovidos pela Igreja Católica (paróquia, CPT, CEBs locais, MST), encontravam-se diversas denominações evangélicas e onde cada grupo organizava separadamente seus rituais. Isso não impedia uma forte solidariedade de uns para com os outros e uma ajuda mútua para a vida cotidiana (tal como guardar o nenê quando a mãe assistia a um culto, repassar comida quando faltava no vizinho etc.).

Como já se disse, os contatos mais importantes nesse assentamento foram feitos na agrovila do “Grupo de Campinas”, chamada Copajota. Esse grupo particular era também chamado de “Grupo do MST” e as entrevistas permitiram ver imediatamente o que isso implicava. O grupo tinha se formado a partir de membros das CEBs da região metropolitana de Campinas. As pessoas já tinham um passado de lutas pela melhoria das condições de vida, tanto no meio urbano como no meio rural. Por outro lado, a organização do grupo se fez sobre um modo de produção comunitário, fazendo-se a solução dos problemas que surgiam com base em uma discussão coletiva na qual, como foi afirmado por vários interlocutores, sempre se buscava a solução mais democrática e, quando possível, o consenso. A coesão católica era total em razão da formação particular e das afinidades espirituais dos membros do grupo que foi assentado. A fé profunda no poder de Deus se expressava nas conversas, por meio da importância da oração e de várias referências a uma ética de vida necessária para melhorar o mundo. As devoções aos santos estavam também presentes, mesmo que sua expressão verbal não fosse tão importante quanto a figura de Jesus, à qual muitos se referiam como modelo de vida.

⁴ Para maior detalhes sobre essas iniciativas, ver Marfha Hamecker (2002) : *Sin tierra : construyendo movimiento social* Madrid: Siglo XXI.

⁵ Para mais informação sobre o histórico dos acampamentos e assentamentos dessa região ver a obra de NORDER, Luiz A. C. *Políticas de assentamento e localidade: os desafios da reconstituição do trabalho rural no Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Wageningen, Wageningen.

Não existia mais a divisão entre trabalho religioso e trabalho político; as mulheres e os homens compartilhavam igualmente os dois campos, sendo tanto homens quanto mulheres ministros da eucaristia (atividade própria das organizações de base laicas do catolicismo); e as responsabilidades políticas incumbiam também aos dois sexos, tendo em alguns casais a mulher passado a ser uma líder política mais importante que o marido. Em razão das lutas vividas anteriormente, a solidariedade e o apoio eram totais com os outros grupos de trabalhadores que ainda estavam esperando terras. Os líderes do Movimento se deslocavam muito de um lugar para outro para incentivar as lutas e amparar os que se defrontavam com uma resistência brutal dos latifundiários. De outro lado, na roça experimentavam-se inovações em cultivos cuja promoção tinha sido discutida com os técnicos da Secretaria de Agricultura. Em Monte Alegre o pessoal se queixava muito da atitude “depreciativa” dos técnicos e agrônomos sem, entretanto, ter montado uma organização coletiva que lhes permitisse resistir às imposições. No Copajota os assentados discutiam, com a ajuda de gente formada nas primeiras escolas do Movimento dos Sem Terra – MST, de, maneira que nenhuma das decisões relativas a seu futuro escapava do seu domínio⁶.

Sumaré I e II: Esses dois assentamentos, entre os mais antigos da região (1984 e 1985, respectivamente), se beneficiaram muito do fato de ficar bem próximos à zona urbana de Sumaré. As terras eram bem mais férteis que em Monte Alegre ou Promissão; o fato de lidar com uma área urbana próspera onde fizeram uma clientela direta e, inclusive, por ter sido, desde o início, lugar de trabalho preferencial de alguns pesquisadores da FEAGRI, receberam ajuda inédita para vender seus produtos, em particular na feirinha de produtos orgânicos da UNICAMP. Isso desencadeou uma série de inovações, tal como o “horto medicinal” aos cuidados exclusivos das mulheres para o qual resgataram conhecimentos ancestrais dos “raizeiros” e “pajés” brasileiros.

Esse conjunto de elementos somado à vontade de se organizar da melhor forma possível, ao engajamento de vários dos líderes nas iniciativas educacionais do MST, e aos esforços gerais, manteve uma dinâmica de transformação na qual várias famílias experimentaram um real melhoramento de suas condições de vida. Como nos outros assentamentos citados, a maioria das pessoas praticava ou se dizia católica. Também havia algumas poucas famílias que se distinguiam nesse unanimismo católico ou por serem evangélicas (três casos) ou por praticar cultos afros (um só caso).

De todas as formas, quando se faz “confraternização comunitária”, todos são convidados a participar das cerimônias ecumênicas e o discurso

⁶ Por motivos de clareza sobre as dinâmicas de transformação é importante assinalar que essa situação observa no começo dos anos 2000 e que poderia parecer quase “idílica” desde um ponto de vista organizacional, não tardou em mudar, com o aparecimento de conflitos de poder entre os integrantes do grupo-base e, também, com a morte de uma das líderes do movimento.

ênfata a “necessária tolerância” com as crenças alheias. Tivemos também a oportunidade de assistir ao casamento de uma moça católica com um rapaz evangélico, no qual se apagavam as diferenças religiosas geradas pela história para enfatizar a comum referência a Jesus, o deus feito homem. Porém, é importante dizer que existem resistências a essa orientação fusional do grupo numa mesma empatia espiritual, que se produzem geralmente em famílias que pertencem às denominações evangélicas de tipo neopentecostal, cujos valores de competição no mercado dos bens simbólicos levam a delimitar seu campo para melhor conquistar o espaço do outro⁷. Assim, tanto em Promissão quanto em Sumaré estava se perfilando a configuração mais geral do MST, tal qual é conhecido hoje e os elementos que representam o arcabouço da nova Mística do Movimento dos Sem-Terra.

A MÍSTICA: RENOVAÇÃO DOS VALORES DO HOMEM DO CAMPO?

Nesses novos desenvolvimentos nota-se a volta de um discurso totalizante no qual as partes são subsumidas pelo Todo numa busca de harmonia universal e de comunidade de pensamento que culmina nas novas liturgias da Mística, última expressão da “efervescência” criada e produzida pelo MST. Essa noção de efervescência foi desenvolvida por Emile Durkheim⁸ para explicar a intensa sensação de comunhão que se apodera de uma multidão quando se reúne ao redor de uma liturgia, seja essa religiosa ou política. Segundo o autor, para que se produza essa comunhão, as pessoas presentes devem compartilhar de um mesmo ideal ou uma mesma crença, capaz de induzir uma transcendência, ou seja, um afastamento das condições imediatas de sua vida cotidiana. Como se pode notar, Durkheim aplica essa análise ao campo político e ao campo religioso sem distinção. Por outro lado, P. Bourdieu, nas suas primeiras obras (1972), nota que geralmente nas sociedades camponesas a religião não pode ser tratada separadamente do resto da cultura e que, em consequência, fica mais difícil falar de um “campo religioso” no qual se expressariam exclusivamente significações que dizem respeito a uma dimensão sobrenatural ou transcendente. Nesse caso existiria um único espaço socio-cultural no qual a produção simbólica impregna todos os níveis e unifica todos os elementos do social.

No caso que aqui interessa, pode-se constatar que numa população que conheceu situações diversificadas, inclusive a forte segmentação induzida pela vida urbana, existe um desejo forte de reencontrar um mesmo ideal coletivo no qual a fé em Deus, ou melhor, em Jesus, a solidariedade, a esperança, a democracia, a igualdade entre homem e mulher, a justiça social

⁷ Sobre esse particular ver Marion Aubrée (1986, 2001).

⁸ As estruturas elementares da vida religiosa, em particular Livro III, cap. IV e V.

e o respeito à natureza são valores existenciais pelos quais vale a pena lutar, aqui e agora. Segundo Marta Harnecker⁹, existe inclusive um código de dez mandamentos éticos que servem para orientar e estruturar a construção desse “homem novo”, ou seja, para recriar a identidade do camponês com base em valores e símbolos, ambos cristãos e socialistas.

O interessante, para resumir, é que, com a análise desses elementos pode-se reconstituir uma estrutura bastante semelhante à que movia os integrantes da comunidade de Canudos : fé em Deus, esperança na própria capacidade de transformação do mundo, solidariedade, justiça social e vontade de mudar as coisas aqui e agora. Será, então, como o propõe Plínio de Arruda Sampaio¹⁰, que se encontra frente ao ressurgimento do ancestral milenarismo camponês?

Seguindo-se as análises de Bourdieu, pode-se achar que a evidente fusão dos campos religioso e político nos atos da Mística tende a recriar uma sociedade agrária pouco diferenciada na sua visão de mundo. Mas as condições gerais do entorno social, nacional e internacional, são completamente diferentes daquelas do século XIX e o MST; ao contrário do movimento de Canudos, é um universo aberto sobre o mundo que cumpre um papel importante na dinâmica geral do país e, ao mesmo tempo que revive os laços comunitários, o está fazendo dando uma particular atenção ao estatuto do indivíduo que é um puro produto da modernidade tardia, como foi demonstrado por Louis Dumont em seu *Ensaio sobre o individualismo* (1983). Por outro lado, em todos seus pronunciamentos, o MST evidencia a importância da proteção que o ser humano deve à natureza, o que corresponde a uma preocupação recente de grande parte dos habitantes do planeta. E isso é, sim, ancestralmente próprio da visão de mundo daqueles que trabalham a terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald. “Manifesto Antropofágico”. *Revista de Antropofagia*. São Paulo, ano I, nº. I, maio 1928.

ANTUNIASI, M. H; AUBRÉE, M; CHONCHOL, M.E. : “De sitiante a assentado: trajetórias e estratégias de famílias rurais”. *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, nº 7(3), p. 125-132, jul./set. 1993.

AUBRÉE, Marion : “A penetração do protestantismo evangelizador na América Latina”, *Comunicações do ISEER*, Rio de Janeiro, nº 23, p. 35-44, dec. 1986.

_____. *Sectes et transformations religieuses au Brésil*. In: BASTIAN, J.P. (Org.). *Amérique latine – Europe latine, la modernité religieuse en perspective comparée*. Paris: Karthala, 2001. p. 213-223.

⁹ op. cit.,

¹⁰ Ver desse autor o artigo “Mística in the MST – the Movement use of Culture and Hope”, MST Website.

BOURDIEU, Pierre : Esquisse d’une théorie de la pratique, Paris : Genève Droz, 1972.

CAMPOS, Leonildo S. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes/ São Paulo: Simpósio/UMESP, 1997.

URKHEIM, Emile. Les formes élémentaires de la vie religieuse, ed. P.U.F., Paris, 1968.

HARNECKER, Martha. *Sin tierra* : construyendo movimiento social, Madrid : Siglo XXI, 2002.

NORDER, Luiz A. C. *Assentamentos Rurais*: Casa, Comida e Trabalho. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.

SAMPAIO, P. A. : “*Mística in the MST*– The movement use of culture and hope”. Disponível em: < http://www.mstbrazil.org/20020824_268.html>. S.d.